

Conferência

Chica da Silva: o mito pelo avesso

Júnia Ferreira Furtado

Universidade Federal de Minas Gerais

1. *Memória histórica*

Em 1853, o advogado diamantinense Joaquim Felício dos Santos era nomeado procurador para realizar a partilha amigável dos bens do Capitão Feliciano Athanásio dos Santos e de sua mulher Frutuosa Batista de Oliveira, em virtude do divórcio do casal.¹ Frutuosa Batista de Oliveira era neta de Francisca da Silva de Oliveira. Já o Capitão Feliciano Athanásio dos Santos era tio do advogado.² Sete anos depois, os herdeiros de Chica ainda vivos na cidade, nomeavam Joaquim Felício dos Santos advogado na ação de posse dos bens do Desembargador João Fernandes de Oliveira existentes no Brasil.³

Estes processos deram ao advogado, que nas horas vagas escrevia uma história da região, publicada em capítulos no jornal local *O Jequitinhonha*, entre 1862 e 1864, material inusitado para compor sua crônica colonial. Afinal, tratavam-se de descendentes de uma escrava, então ricos herdeiros de vasto patrimônio, que incluía inúmeras fazendas, significativo plantel escravista, além de imóveis urbanos e bens móveis. Conhecedor em minúcias dos autos que compunham o processo de disputa dos bens dos herdeiros do Desembargador João Fernandes de Oliveira, Felício dos Santos transcreveu em suas crônicas o testamento, no qual o ex-contratador dos diamantes arrolara criteriosamente suas extensas propriedades imóveis em Portugal, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

Nas páginas de *O Jequitinhonha*, depois reunidas no livro *Memórias do Distrito Diamantino*, publicado em 1868, a escrava Chica da Silva deixou Conferência proferida no dia 17 de julho de 2002.

as brumas, onde o passado da região se apagava e se confundia, e apareceu pela primeira vez como personagem histórico.⁴ A construção que este autor fez da história do Distrito Diamantino imortalizou-se para muito além das páginas de seu livro. Recheada de heróis e de vilões, aprisionados no eterno jogo da dominação metropolitana e da resistência colonial, a sua história forjou-se como símbolo da opressão portuguesa e da resistência colonial.

Chica da Silva se tornou a única mulher do século XVIII que foi elevada, pelo autor, à categoria de personagem histórico. Mas, enquanto todos os homens – libertos ou escravos – nascidos em *terra brasilis* figuraram no seu livro como mártires no panteão dos heróis nacionais, com Chica não aconteceu a mesma coisa. Felício dos Santos, homem do século XIX, reconstruiu a personagem conforme a visão de sua época, e projetou tal impressão no século anterior. Baseou-se em cenas de seu cotidiano social, onde a mulher e a família deveriam se reger pela moral cristã e onde imperavam os preconceitos contra os ex-escravos, as mulheres de cor e as uniões consensuais.

Desde o século XIII, na Europa, a Igreja Católica se esforçava por instituir a família monogâmica, unida pelos sagrados laços do matrimônio. Esse processo se fazia às custas da normatização dos comportamentos e da repressão, com muitas idas e vindas. Sua consolidação, em terras brasileiras, se deu muito tardiamente, por volta da segunda metade do século XIX, posteriormente à transferência da Corte portuguesa. Especialmente nas Minas Gerais, no século XVIII, a população estava longe de se enquadrar nos restritos esquemas de moral que a Igreja pretendia implementar, tendo proliferado inúmeras e heterodoxas formas de organização familiar, sobressaindo-se o concubinato e as relações temporárias. Também o papel da mulher foi mais dinâmico do que o ideal de mulher recatada e do lar, que se procurava imprimir.⁵

Não é de se espantar, pois, que Joaquim Silvério dos Reis, numa denúncia formulada durante o processo que se seguiu para apurar os acontecimentos relativos à Inconfidência Mineira, ao se referir a Chica da Silva, tratou-a com respeito, não mencionando-a como algo incomum ou peculiar na época. O famoso denunciante, em depoimento concedido na Ilha das Cobras, para formação da culpa dos réus, se referiu a ela apenas para contar que o Padre Rolim deflorara uma filha sua. Chamou-a por seu nome completo, Francisca da Silva e Oliveira e não se referiu a sua condição

de ex-escrava ou a sua cor, considerando um insulto à honra das duas o que o padre fizera.⁶

Nem mesmo, no alvorecer do século XIX, os diversos viajantes que percorreram a região dos diamantes, como Auguste de Saint-Hilaire, Spix e Martius, e outros, destacaram como pitoresco a existência de Chica da Silva, uma ex-escrava que se tornou companheira do contratador dos diamantes.⁷ É de se salientar que todos os viajantes escreveram sobre a história da região e sobre os contratadores de diamantes e, mesmo assim, Chica jamais foi mencionada. Registraram em seus livros o que lhes foi contado pelos moradores locais, o que eles consideravam parte de sua história e Chica não estava entre os fatos pitorescos, já que sua vida era semelhante ao de um sem número de outras negras forras que desfrutaram do concubinato com os homens brancos.

Somente em meados do século XIX, quando a família patriarcal se consolidava nas Minas Gerais, a existência de uma Chica da Silva passou a ser digna de registro. Para os homens da época, as escravas só podiam ser vistas como sensuais e licenciosas, sendo impossível manter com elas laços afetivos estáveis, pois, com seus segredos, seduziam os homens brancos. A partir da obra de Felício dos Santos, a figura de Chica da Silva passou a encarnar esse estereótipo da mulher negra e escrava e, apesar de negativa, nascia aqui sua lenda. Partícipe da elite branca preconceituosa do século XIX, o autor era incapaz de compreender a atração exercida pelas mulheres de cor. Descreveu-a como uma mulata de baixo nascimento, "de feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes, como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito, não tivera educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse justificar uma forte paixão".⁸

João Fernandes de Oliveira, o contratador, era acusado por Felício dos Santos de ter se tornado um pequeno soberano, oprimindo a população do Tejuco, só cedendo aos caprichos da amante. Para ela, construiu uma maravilhosa chácara, cercada de paradisíacos jardins e obrigou a elite local a se curvar à escrava opressora e dominadora, que se vestia ricamente e tinha tudo que o dinheiro e o poder podiam comprar.⁹

Vários equívocos se imortalizaram sobre ela. Segundo o mesmo autor, Chica era uma mulata, escrava de José da Silva e Oliveira, que talvez fosse seu próprio pai, de quem teria herdado o sobrenome. José da Silva e

Oliveira era pai do padre Rolim, o que a tornava irmã de criação do famoso padre inconfidente. Chica possuiria dois filhos, Simão e Cipriano Pires Sardinha, de um relacionamento anterior com Manoel Pires Sardinha. Mandava no arraial, fazendo do poderoso João Fernandes escravo de seus desejos. Era dona de uma casa com capela e um sítio de sonhos, onde se apresentavam peças de teatro e bandas de música. Nele, o contratador mandara construir um lago e um barco, para que pudesse desfrutar as delícias de um mar fictício, em pleno sertão das Gerais. Na Igreja, acompanhada sempre de um séquito de doze mulatas ricamente vestidas, era-lhe sempre reservado o melhor lugar.

Ainda segundo Felício dos Santos, João Fernandes era um pequeno déspota, que desafiava as autoridades metropolitanas e subjugava a elite local. Para demonstrar seu poderio cego, o referido autor citava como exemplo os acontecimentos referentes à construção da Igreja do Carmo. O contratador determinara o local a ser edificada e, ao contrário dos desejos dos outros membros da Irmandade, escolhera um lugar periférico, apertado, apenas porque ficava perto de sua casa. Como protesto, a maioria dos irmãos se recusou a cooperar e ele assumiu os gastos sozinho. À medida que se enriquecia, a ganância crescia e ele desrespeitava as normas do contrato, utilizando muito mais escravos do que o permitido e explorando um número superior de riachos teriam acabado por despertar a ira do Ministro de Estado português, o célebre Marquês de Pombal.

Para Felício dos Santos, a situação no Tejuco encontrava-se tão fora de controle e era tal o poder e os desmandos do contratador que Pombal ordenou ao Governador da Capitania, o Conde de Valadares, que se dirigisse ao Tejuco. Portava ordens para que João Fernandes retornasse imediatamente ao Reino e se apresentasse ao Marquês e, se este resistisse, tinha ordens secretas para usar a força e prendê-lo. João Fernandes tentou ganhar tempo, recebeu o Governador como um rei, encheu-o de presentes, hospedou-o na chácara de Chica e, por fim, tentou suborná-lo pagando suas dívidas. Mas após algum tempo de indecisão, no qual Valadares parecia estar sob sua graça, apresentou por fim as ordens do Reino e João Fernandes acabou por acatá-las. Embarcou para Portugal, preso, e nunca mais pôde retornar, tendo indenizado o Erário Régio da fortuna de onze milhões de cruzados. Ali, reuniu todos os seus bens e instituiu o Morgado do Grijó, deixando seus bens para o filho mais velho, também João Fernandes de Oliveira. Era ainda riqueza considerável e,

assegurada sua descendência, morreu no Reino em 1799.¹⁰

A historiografia que sucedeu Felício dos Santos pouco mudou a imagem de Chica, acrescentando as caracterizações de perdulária, bruxa, ou megera. Muitos autores a ela fizeram referências, ainda que breves. Em 1896, o Bispo de Mariana, Joaquim Silvério de Souza, publicou o livro *Sítios e Personagens Históricas de Minas Gerais*.¹¹ Contou que Chica possuía o apelido de *Quemanda*, pela ascendência que tinha sobre o contratador, mandando e desmandando na casa e dividindo com ele seu imenso patrimônio. Afirmou, sem simpatia, que João Fernandes não fora um benfeitor do Recolhimento de Macaúbas, como se acreditava, mas que contribuía somente com o correspondente ao dispêndio de suas filhas. O Bispo, numa viagem ao Recolhimento, cruzara com umas terras que, apesar de aparentemente férteis, estavam arruinadas e perguntara quem era o dono. Informaram-lhe que se tratava de uma tal Mariana Vicência que, roubada pelo marido, terminara os dias na miséria, como mendiga, o que muito lhe impressionara. Mais tarde, ficou sabendo que se tratava de uma neta de Chica e de João Fernandes, tendo pois toda a fortuna dos dois se perdido, não chegando à terceira geração, provavelmente como castigo divino pela sua falta de caridade e pelo seu comportamento transgressor às regras morais da Igreja Católica. Mariana Vicência era filha do Padre Rolim, com Quitéria Rita, filha de Chica da Silva. Carregava ainda o estigma de filha natural de um clérigo, informação que o cuidadoso Bispo tratou de ocultar, mas que ele provavelmente acreditava que contribuía para sua infeliz sina.

No ano seguinte, Xavier da Veiga terminou suas *Efemérides Mineiras* publicadas em várias Revistas do Arquivo Público Mineiro e posteriormente também reunidas em um livro.¹² Nelas, Chica apareceu citada em duas referências: Em 1º de Janeiro de 1740, em breve notícia, ao informar sobre o estabelecimento dos contratos diamantinos, o autor retomou a obra de Felício dos Santos, acrescentando que a vida dos dois parecia “página das Mil e Uma Noites”.¹³ Já para o dia 12 de novembro de 1770, fez referência à confecção do testamento de Chica e, em extenso texto, transcreveu as mesmas impressões dos dois autores acima, inclusive citando-os textualmente.¹⁴

No século XX, Chica já era um mito. Fazia parte do conjunto dos raros indivíduos do século XVIII que se tornaram personagens históricos, apesar de não pertencerem à elite branca portuguesa. Além de mulata e escrava, era mulher. Objeto de tanta exceção, assim era compreendida. Em

Diamantina, tornou-se figura lendária, alvo de inúmeras histórias que embalavam os sonhos e pesadelos noturnos das crianças.

Em 1924, em uma segunda edição do livro de Felício dos Santos, Nazaré Meneses, autora das notas explicativas aditadas ao volume, iniciou uma polêmica sobre a aparência de Chica. Reabilitando a mulata, acreditou que ela "seria boçal, mas nunca odienta e asquerosa (...). Se assim não fosse não teria inspirado ao Desembargador João Fernandes de Oliveira, moço nababo, nobre, galanteador, paixão tão ardente e duradoura".¹⁵ Sem nenhuma base empírica, como quase tudo que se disse sobre Chica, uma mulher reabilitava a figura da escrava, pois o amor romântico, então em voga, só podia ser compreendido enquanto atração física, baseada nos atributos dos amantes.

Em 1940, o médico diamantinense Juscelino Kubtschek foi eleito Prefeito de Belo Horizonte; em 1950, Governador de Minas Gerais e, poucos anos depois, Presidente da República. Sua ascensão meteórica chamou a atenção sobre sua cidade natal e, ao mesmo tempo, Diamantina se tornava pólo comercial e de prestação de serviços para o nordeste do estado. Também o turismo se desenvolvia, se transformava em indústria, e o patrimônio histórico do Estado constituía-se num de seus bens mais preciosos, atraindo os visitantes. O Instituto do Patrimônio Histórico elegia e definia os lugares da memória do país. Carlos Drummond de Andrade, poeta modernista que, durante muitos anos foi funcionário do IPHAN, ao refletir sobre a constituição da memória nos espaços urbanos das Minas escreveu sobre Vila Rica que: *as casas ainda restam, os amores não*.¹⁶

Em Diamantina, entre inúmeras outras edificações, a casa onde viveu Chica da Silva foi tombada em 1950, época em que novamente a personagem começou a chamar a atenção e a recheiar os livros de história de autores locais, pois estes procuravam povoar os antigos becos e vielas com os personagens da época. A elite intelectual da cidade, tendo como parâmetro a obra de Felício dos Santos, reconstruía seus mitos e os tornavam conhecidos, utilizando para isto a memória oral da cidade, porém relendo-os à luz dos novos valores então vigentes, sem que uma pesquisa histórica de fundo fosse realizada.

Em 1945, o diamantinense, Aires da Mata Machado Filho publicou o livro *Arraial do Tejuco, cidade Diamantina*.¹⁷ Iniciou o volume com um resumo da história local, acentuando o picaresco, o inédito, o inusitado e concluiu com a descrição dos principais monumentos coloniais da arquitetura civil e religiosa. Era um guia histórico e turístico bem ao gosto da época,

Como os demais personagens históricos da cidade, a figura de Chica relacionava-se sempre a uma edificação, local de visita turística, que rememorar a sua existência e sua presença. O guia destacava a casa onde vivera na confluência da Rua Lalau Pires e Rua do Bonfim, com capela anexa e a Chácara dos arredores da cidade, construídas para ela. Devido à inexistência de documentação pesquisada para atestar quem eram os verdadeiros donos dos imóveis no século XVIII, Aires da Mata Machado Filho apelava para a “antiga tradição, a presunção quase certa, (...) essa convicção geral”,¹⁸ ou seja para a memória da cidade, repositório das lembranças de que aquela era a casa onde a escrava vivera com o contratador.

Foi a partir de Soter Couto, que redigiu *Vultos e Fatos de Diamantina*, em 1954, que começou a se consolidar uma imagem positiva de Chica.²¹ O autor exaltou-lhe a beleza, única maneira de explicar seus romances, primeiro com Manoel Pires Sardinha e depois com o rico contratador. Seus luxos, até então considerados excessos e esbanjamentos, foram interpretados como refinamento, semelhante ao “cunho aristocrático das grandes cortes”, pois teria incentivado o teatro e a formação de bandas de música.²²

Incapaz de apagar totalmente a imagem de Chica como megera, bruxa e caprichosa, Soter Couto dividiu sua personalidade em duas, pois

"tinha boas e más qualidades". Aos portugueses devotava tremendo ódio, o que justificaria a lenda, já presente no relato de Felício dos Santos, de que teria colocado uns reinóis recém-chegados para trabalhar como escravos nas lavras. Mas isto era porque, "correndo-lhe nas veias o sangue africano, tratava-os mal, vingando neles o tormento que era infligido aos seus irmãos caçados e acorrentados para serem vendidos como animais noutras terras". Soter Couto invertia o discurso pelo avesso e tornava Chica a primeira heroína da nascente nacionalidade brasileira e redentora da sua raça. Finalmente, o mito completava seu primeiro ciclo, se modernizava, se adequava aos valores vigentes em meados do século XX, mas também se desdobrava e se sofisticava, assumindo complexidade psicológica. Só neste novo contexto, uma mulher podia deixar seu papel secundário, no qual sua ascendência sobre o parceiro tinha que ser, até então, velada, indireta e, principalmente desleal, já que calcada nos valores sexuais. Enquanto personagem ativa, construtora de seu próprio destino, tornava-se a primeira mulher brasileira que reinara num verdadeiro matriarcado, tornando "esse um dos períodos áureos de nossa terra".²³

José Teixeira Neves, que fez as notas da terceira edição do livro de Joaquim Felício dos Santos, em 1956, discordou das afirmações de Nazaré Meneses e de Soter Couto e voltou a insistir na feiura de Chica da Silva. Lembrou que Chica morrera em 1796, portanto, "trinta e dois anos antes do nascimento" do autor, que deveria ter se baseado em depoimentos de pessoas que a conheceram em vida e, assim, era melhor indicado para apreender a verdadeira aparência de Chica.²⁴ Se esquecia porém, que inúmeros filtros culturais separavam Felício dos Santos dos homens do século anterior. Os conceitos de beleza, os motivos que levavam um homem a se sentir atraído por uma mulher, as razões que aproximavam os sexos não eram mais as mesmas. Além do que, perto de sua morte, Chica não teria a mesma aparência de quando lhe conhecera o jovem contratador.

José Teixeira Neves corroborou quase todas as afirmativas que Joaquim Felício dos Santos fez sobre Chica. Afirmou que estas informações vieram da tradição oral da família do último e de antigos moradores de Diamantina que ele entrevistava, como uma suposta neta de Chica, a centenária Inês Vicência da Silva, que com mais de cem anos era totalmente lúcida.²⁵ A tradição oral continuava a ser o principal repositório de informações e, em outra nota, Teixeira Neves garantiu a autenticidade dos fatos relativos à

perseguição que João Fernandes sofrera de Pombal, devido ao contrabando de diamantes, pois tal fato “sabemos por tradição e testemunho de pessoas respeitáveis e fidedignas, que tivemos o trabalho de consultar, que os ouviram dos contemporâneos de João Fernandes, que os conheceram e foram testemunhas oculares”. Para reforçar seu argumento contou que tudo era atestado por um “velho desse tempo que confirma o que levamos dito”.²⁶ Para ele, a memória oral se contrapunha ao discurso histórico, do qual ele mantinha prudente desconfiança, pois, segundo ele, em sua *História Geral do Brasil*, Varnhagen tinha equivocadamente exaltado o zelo e a probidade do Conde de Valadares, o que a tradição oral da cidade contradizia.²⁷

No mesmo estilo de roteiro histórico-turístico, Lúcia Machado de Almeida publicou *Passeio à Diamantina*, em 1960, dedicado à memória de Juscelino Kubitschek de Oliveira, “que revelou ao mundo um Brasil desconhecido”.²⁸ Logo na introdução, a autora deixava claro o papel que a cidade e seu passado ocupavam no imaginário da época, repositórios de lendas e mitos:

Seja vem-vindo à terra do diamante, amigo! Logo ao chegar, repare que, aqui e ali, emergem blocos de pedra (...). Quando se abrirem os poros de sua sensibilidade, você perceberá qualquer coisa de imponderável no ar, como se algo do que outrora sucedeu nestas paragens as houvesse marcado para sempre: zunido de chicotes rasgando carnes negras de escravos rebeldes... Suspiros abafados de casais apaixonados... Suspiros de intrigas e traições...²⁹

As ruas eram testemunhas silenciosas das andanças da mulata de perigosa feminilidade, coberta de diamantes, seguida de seu séquito de mestiças, tal qual tinha descrito Felício dos Santos. João Fernandes fora seduzido pelas artes demoníacas da escrava, que possuía personalidade forte e magnética. Era com certeza bela, pois do contrário não teria seduzido o amante. As histórias contadas pela autora sobre Chica faziam tremer as pedras do Tejuco e suas maldades não tinham limites, tendo por exemplo, mandado arrancar os dentes de uma escrava.³⁰ Tais histórias escutara na viagem a Diamantina e transformaram a visita em uma experiência inesquecível, o que fazia valer a pena registrar em um livro, quase um romance, comparável

a Xisto, o famoso herói infantil de seus romances.

Mas, coube a Lúcia Machado de Almeida a primeira preocupação em coletar documentos que esclarecessem as afirmações de Felício dos Santos. Nas notas de rodapé, ela incorporou informações do historiador Rodrigues Lapa, que pesquisara na documentação avulsa sobre Minas Gerais no Arquivo Ultramarino de Lisboa, em 1946. Do esforço deste surgiram alguns documentos que informavam pelo menos o destino de Simão Pires Sardinha, filho mais velho de Chica da Silva. Tinha recebido título de nobreza e retornado ao Brasil na comitiva do Governador Luís da Cunha Meneses. Mas a efemeridade do gesto, a falta de continuidade de uma pesquisa sistemática e de rigor científico, impediram que a iniciativa resultasse em alguma contribuição efetiva para desnudar o mito construído até então. Além de citar os documentos coletados por Rodrigues Lapa, guiada pelo Cônego Raimundo Trindade, então diretor do Museu da Inconfidência de Ouro Preto, consultou o processo de ordenação do padre Cipriano Pires Sardinha, que seria o segundo filho de Chica. Percebeu a inconsistência das informações, pois no processo o nome de sua mãe era Francisca Pires, mas não chegou a nenhuma conclusão. Apenas se perguntou se a tal Francisca Pires seria a mesma Chica da Silva ? Deixou o mistério para ser desvendado pelos historiadores.³¹

Na publicação dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, os historiadores e organizadores Tarquínio de Oliveira e Herculano Mathias incluíram várias notas explicativas, a maioria escrita pelo primeiro, e em algumas delas se referiram à Chica da Silva e seus descendentes, porque seu filho Simão Pires Sardinha se envolvera nos planos sediciosos.³²

Tarquínio de Oliveira redigiu as notas sobre Chica a partir da historiografia existente, que tinha como pano de fundo os escritos de Felício dos Santos; e de alguns documentos coletados nos arquivos durante a pesquisa para complementar a documentação dos *Autos da Devassa*. Indicou que uma das filhas de Chica tornara-se companheira do Padre Rolim, um dos inconfidentes, com quem tivera cinco filhos. Durante o período de prisão de Rolim, Quitéria Rita ficou com os filhos no Convento de Macaúbas, onde estudara junto com suas irmãs. Pesquisa feita por ele em Macaúbas revelou que Chica assinara os documentos de entrada das filhas e que possuía uma bela letra. Tarquínio conjecturou se ela também não teria estudado ali. Análise do processo de habilitação à Ordem de Cristo de Simão Pires Sardinha revelou

que Chica tinha apenas um quarto de sangue africano, sendo filha do Capitão Antônio Caetano de Sá e da mulata Maria da Costa.³³ Afirmou ainda que João Fernandes, ao partir para Minas Gerais, deixou três filhos naturais no Reino, o primeiro seu homônimo e, ao se apaixonar por Chica, pediu sua alforria ao pai do Padre Rolim, José da Silva e Oliveira, seu proprietário. Corroborava a tese de que Chica era meio-irmã de criação do próprio Padre Rolim, vindo a ser posteriormente sua sogra.³⁴

Seguindo os passos de Felício dos Santos, e baseando-se principalmente na memória oral da cidade, a historiografia sedimentava a visão de Chica como única. A escravidão encerrara as mulheres negras no universo da desclassificação, vivendo reclusas às senzalas, parindo filhos ilegítimos, muitos deles mulatos. Distinguindo-se do destino traçado para as mulheres de sua raça, fora a única que pudera romper os grilhões da escravidão e da opressão e, por isso, povoara os livros de história. Personagem inédito, era impossível não despertar nos seus cronistas sentimentos contraditórios: bruxa, perdulária, megera, mas também redentora e libertadora de seu povo.

2. *Difusão do mito*

Até meados do século XX, uma abordagem mais histórica tinha dominado as obras referentes a Chica da Silva. Apesar dos autores terem se baseado principalmente nas fontes orais, sem fazer as críticas necessárias, ou filtrar os registros da memória, estavam limitados pelo respeito à tradição. A maioria das informações, reproduzidas por quase todos, tinha sido fornecida por Joaquim Felício dos Santos e, mesmo havendo divergências nas interpretações, na falta de pesquisa histórica mais ampla, todos se restringiram aos fatos apontados por este autor.

A literatura sobre Chica da Silva rompeu os grilhões que atavam as interpretações históricas: o apego aos fatos, ao empiricamente verificável, ainda que conhecidos pelos tortuosos caminhos da memória. A liberdade de reconstrução da realidade, preenchendo os vazios com a imaginação, recurso estilístico próprio do romance, agregou outras histórias e qualidades ao mito. Tornavam-se cada vez menos nítidas as fronteiras que separavam fatos e ficção, pois o substrato histórico, que apoiava o enredo, confundia o leitor despreparado, incapaz de destrançar as teias onde se misturavam história e imaginação. A confusão se agravava devido à ausência de uma pesquisa

histórica consistente sobre Chica e o período em que vivera.

Em 1953, depois de uma viagem a Minas Gerais, que lhe deixara profundas impressões, Cecília Meireles escreveu o *Romanceiro da Inconfidência*.³⁵ Em delicados poemas, os personagens da história de Minas ganharam vida em seus versos, enredados em intrincadas tramas:

Agora são tempos de ouro.
Os de sangue vêm depois.
Vêm algemas, vêm sentenças,
Vêm cordas e cadafalsos.³⁶

O que conduzia o poema e guiava a memória era o mesmo espírito modernista, que dominava a década de 50, de compreensão do espaço urbano setecentista mineiro à luz dos personagens que o povoavam. Os poemas XIII a XIX contavam a história do contratador dos diamantes e de sua escrava Chica da Silva e as páginas de Felício dos Santos inspiravam e guiavam a pena da poetisa.³⁷ Chica era para ela uma personagem sedutora, que fazia suas, as vontades do amante. Seu tempo era de riqueza, mas que terminaria em sofrimento, como a história de Minas, escrita em sangue e lágrimas.

Romance XIV ou
DA CHICA DA SILVA
Que andor se atavia
naquela varanda?
É a Chica da Silva:
é a Chica que manda !

Cara cor da noite
olhos cor de estrela.
Vem gente de longe
para conhecê-la.

(*Por baixo da cabeleira,
tinha a cabeça rapada
e até dizem que era feia*)

(...) Contemplai, branquinhas,
na sua varanda,
a Chica da Silva,
a Chica-que-manda !

Em 1959, na peça *O Tesouro de Chica da Silva*, Antônio Callado transpôs a personagem para o teatro.³⁸ O enredo se centrou na visita do Governador de Minas Gerais, o Conde de Valadares, que teria vindo a mando do Marquês de Pombal investigar as desordens do contrato e, com isto, ameaçava o mundo de luxo e riqueza onde vivia a Chica-que-manda. Callado acentuou a inteligência e as artimanhas de Chica, em oposição a um João Fernandes “manso e timorato”, incapaz de impedir o plano ameaçador do Conde. Na peça, não foram os presentes oferecidos pelo contratador que libertaram os dois amantes da ruína, mas a astúcia de Chica, que elaborou um plano maquiavélico no qual o Governador se viu enredado. Chica induziu o filho bastardo de Valadares, caído de amores por ela, a matar o chefe da guarda e, assim, em troca de proteção ao rapaz, conseguiu o silêncio do pai. Valadares afirmou que ela era uma bruxa, que a todos enfeitiçava.

O romance *Chica que manda*,³⁹ de Agripa de Vasconcelos, escrito em 1966, se tornou a partir de então a principal fonte de informações sobre Chica da Silva. Romancista, mas também sócio do Instituto Histórico de Minas Gerais, Agripa procurou num conjunto de seis romances, intitulado *Sagas do País das Gerais*, dar realce à história do estado e de seus principais habitantes. Ancorado em fatos reais, preencheu o restante com sua imaginação, o que acabou por tornar indistintas as fronteiras entre o fato e a ficção.

No romance, Chica estava aprisionada por um ciúme que lhe corroía as entranhas, fato já apontado por Cecília Meireles e Lúcia Machado de Almeida. Era, ao mesmo tempo, personagem capaz de dar extremas demonstrações de bondade, geralmente dirigidas aos escravos e naturais da terra, e de profundo ódio, para com as autoridades portuguesas e os eventuais alvos de seus ciúmes. Tratava enfermos desenganados, não poupando custos, e atirava no poço um suposto rebento de um romance extra-conjugal do contratador. Era mulher indomável e, antes de mais nada, representava o espírito de rebeldia dos colonos e da raça negra.

O romance de João Felício dos Santos, *Xica da Silva*,⁴⁰ serviu de inspiração para o filme de Cacá Diegues que, reatualizando o mito, atribuiu-lhe características sensuais, tão ao gosto da década de 70, quando a revolução sexual libertara a mulher do estereótipo do recato e do confinamento do lar. Paradoxalmente, era um sobrinho-neto de Joaquim Felício dos Santos quem imprimia as características sensuais aos quais o mito da Xica com X

permanecerá eternamente atado. A transformação radical da personagem foi justificada devido a falta de documentos históricos e a sensualidade da mulher mestiça a única que poderia servir como fio da narrativa desta “louca aventura de poder e amor, vivida no meio das pedras e da selva brasileira do século XVIII”.⁴¹

O cinema democratizou o mito e o tamanho da tela foi proporcional às dimensões que ele alcançou, tornando-se conhecido por todos no país e mesmo fora dele. O filme não só modificou a grafia do nome, transformando-o em Xica da Silva, como tornou a figura eternamente ligada à sensualidade e à beleza. Rompeu-se definitivamente a imagem grotesca que Felício dos Santos descrevera e que a historiografia tivera dificuldade em perverter, porque tributária da memória oral. O cinema por não estar atado a esta tradição, e tendo como missão conquistar o espectador, libertou e construiu um novo mito, que melhor se ajustava ao imaginário coletivo da época, o da sensualidade da mulher negra.

O movimento do Cinema Novo, do qual Cacá Diegues era um dos participantes, tinha em comum o interesse pelo povo brasileiro e sua história, mas reivindicava sua liberdade de invenção e expressão para contar sua trajetória. Para o diretor, era importante compreender e resgatar a tradição afro-americana na sociedade brasileira contemporânea. Para isto, filmou a história de dois ícones da história da presença africana no Brasil: Xica da Silva e Zumbi dos Palmares. A releitura dos dois mitos escravos pretendia dar ao espectador uma visão crítica da sociedade brasileira, principalmente no tocante às relações entre os portugueses e a elite brasileira de um lado e os escravos e marginalizados de outro.⁴²

Enquanto a sexualidade e a energia radiante de Chica retratava uma cultura negra rica e complexa, os costumes e os personagens brancos eram vistos como toscos, frios, quase ridículos.⁴³ Desta forma, o esteriótipo da dominação sobre os negros na cultura brasileira era implodido e apresentava-se um retrato alternativo desta relação. Nele, a raça negra alcançava sua redenção em Xica da Silva. Abusando da sexualidade, a personagem utilizava a seu favor o principal mecanismo sobre o qual a exploração de sua raça normalmente se assentava no Brasil.⁴⁴

As cenas finais retratavam o ocaso deste poderio, que existia apenas enquanto estivesse ligado à presença do dominador branco, no caso representado pelo contratador branco. Se o poder alcançado pela atrevida

escrava desafiava a ordem reinante, ele se circunscrevia aos limites impostos por esta mesma ordem. No entanto, mesmo privada de sua antiga glória, Xica desafiava que sua força não morreria jamais, pois era calcado no interesse que a sexualidade negra despertava na sociedade brasileira, desta forma sua força estaria sempre presente.⁴⁵

Em 1971, o romancista diamantinense Paulo Amador, utilizou-se da ficção literária para imprimir novas qualidades a Chica, afastando-a dos extremos onde tinha sido colocada até então: boçal ou devoradora de homens. Em *Rei Branco, Rainha Negra*,⁴⁶ o autor transformou o inconfidente Rolim no narrador da história, responsável por reabilitar a personagem a quem teria conhecido intimamente. Sua figura foi intelectualizada e Chica se tornou mulher sensível, salientando-se seu papel de protetora dos escravos e das artes. Rolim teria se transformado num inconfidente devido à ascendência que Chica exercera sobre ele, incutindo-lhe as idéias de liberdade e igualdade. Seu relacionamento com João Fernandes foi pintado com as cores do amor romântico e perderam-se os contornos eróticos que tinham sido imprimidos à Chica pelo cinema. O pretense acesso do autor a um manuscrito atribuído ao Padre Rolim, citado por Felício dos Santos, que teria servido de fonte ao relato, procurava dar veracidade à estória e fundir a realidade à ficção.

Em artigo posterior, Paulo Amador justificou que imprimiu tais características ao personagem e à trama pois era partidário da visão de que a história do Brasil teria sido construída pelo povo. Em seu romance, Chica da Silva retrataria o povo brasileiro, até então ausente dos livros de história. Mulher, negra, pobre, inteligente, corajosa e extraordinária teria tomado nas mãos seu próprio destino e assim ajudado a fundar um novo Brasil.⁴⁷

Por fim, mais recentemente, o mito de Chica se popularizou e se massificou na versão para novela de televisão da Rede Manchete. O custo desta democratização do mito foi sua total perversão. Os limites do erótico foram todos ultrapassados para garantir os índices de audiência, sem nenhum compromisso com a realidade do século XVIII, que a pesquisa histórica de hoje tem revelado na sua multiplicidade e complexidade. As distorções históricas graves apresentadas pelo enredo da novela *Chica da Silva* desvirtuaram uma das grandes habilidades dos programas televisivos, que é o de ensinar ao grande público, ao mesmo tempo que proporciona diversão.

A imagem de Chica que foi popularizada pelo cinema, e que a novela levou ao extremo, foi de uma mulher lascíva, que abusava da sensualidade

para conseguir o que queria. Tratou-se, na verdade, de mais uma reconstrução da imagem estereotipada da mulher negra e escrava. O enredo confuso, adaptado às ondulações dos índices de audiência, totalmente inadequado ao contexto, incorporou desde o ícone pornô contemporâneo, a italiana Cicciolina, até o transplante do drama renascentista de Romeu e Julieta para as serras das Gerais, com direito a enterro, venenos e intrigas.

Se o discurso histórico baseou-se numa Chica metafórica, o romance, o cinema e a televisão somente acrescentaram novos estereótipos. Nada se fez para levantar o véu que encobria a personagem e a imobilizou no mito, para além de seu tempo. Sua força e sedução impediam que se conhecesse a mulata Francisca da Silva de Oliveira, mulher de carne e osso, escrava, que percorreu as ruas e vielas do arraial do Tejuco setecentista, enriqueceu, adquiriu propriedades, escravos e terminou seus dias.

Este livro procurou reconstruir a figura de Chica da Silva e inseri-la em seu tempo. Assim como as outras mulheres forras de seu tempo, ela alcançou sua alforria, amou, teve filhos, educou-os, buscou ascender socialmente e procurou diminuir o estigma que a condição de mulata e forra marcavam para si e para os seus. Se tornou rica, proprietária de escravos e bens de raiz. Mais do que tudo, cuidou de sua descendência a quem garantiu um melhor lugar na sociedade branca e preconceituosa do século XIX. Esta inserção era, porém, sempre paradoxal. Era a forma que estas mulheres tinham de retomar o controle sobre sua vida, negado pela condição feminina e escrava. Acumularam bens; transitaram entre as diversas Irmandades, independente da cor exigida para a filiação; possuíram escravos; imitaram padrões de comportamento e, assim, misturaram-se na sociedade branca onde buscavam participação, reconhecimento e aceitação.

Notas

* Esse artigo é resultante do projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido sobre a vida de Chica da Silva, como parte integrante do Projeto Pólo de Desenvolvimento da UFMG no Vale do Jequitinhonha, em convênio com o Centro de Memória do Vale do Jequitinhonha – FAFIDIA/UEMG. Em diferentes momentos, a pesquisa recebeu recursos da FAPEMIG, FINEP e Fundação Carlos Chagas/Fundação Ford.

¹ Diamantina. Biblioteca Antônio Torres. (BAT) Inventário de Francisca de Paula. 1º ofício. Maço 23.

² NEVES, José Teixeira. Estudo biográfico. In: SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1956.

- ³ BAT. Cartório do 1º ofício. Maço 150 b.
- ⁴ SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1868. Cap. XV.
- ⁵ FIGUEIREDO, Luciano R. de Almeida. *O avesso da memória*, 1993.
- FIGUEIREDO, Luciano R. de Almeida. *Barrocas famílias*, 1997.
- ⁶ AUTOS de Devassa da Inconfidência Mineira. 1978, vol. 4. p.46.
- ⁷ SAINT-HILARE, A. de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*, 1974.
- SPIX, J. B. von, MARTIUS, C.F.P. von. *Viagem pelo Brasil*, 1938. 2 vol.
- ⁸ SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1976. p.123-124.
- ⁹ SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1976. p.123-125.
- ¹⁰ Ver: SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1976. p.123-130
- ¹¹ SOUZA, Joaquim Silvério de. *Sítios e Personagens Históricas de Minas Gerais*, 1980.
- ¹² XAVIER DA VEIGA, João Pedro. *Efemérides Mineiras*, 1998. 2 vol.
- ¹³ XAVIER DA VEIGA, João Pedro. *Efemérides Mineiras*, 1998. Efeméride 01/01/1740. v.1. p.119.
- ¹⁴ XAVIER DA VEIGA, João Pedro. *Efemérides Mineiras*, 1998. Efeméride 12/12/1770. v.2. p.968-970.
- ¹⁵ MENESSES, Nazaré. Nota I do Cap. XV. 1924. In: SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1976. p.124.
- ¹⁶ DRUMMOND, Carlos. Estampas de Vila Rica. In: *Antologia poética*, 1992.
- ¹⁷ MACHADO FILHO, Aires da. *Arraial do Tejuco, cidade Diamantina*, 1980.
- ¹⁸ Idem. p.252.
- ¹⁹ Ibidem
- ²⁰ ROCHA, Cônego Antônio dos Santos. Apud: MACHADO FILHO, Aires. *Arraial do Tejuco, cidade Diamantina*, 1980. p.265.
- ²¹ COUTO, Soter. *Vultos e fatos de Diamantina*, 1954.
- ²² Idem. p.46.
- ²³ Ibidem. p.47.
- ²⁴ NEVES, José Teixeira. Nota 25 do Cap. XV. In: SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1956. p.161.
- ²⁵ NEVES, José Teixeira. Estudo biográfico. In: SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1956. p.23.
- ²⁶ NEVES, José Teixeira. Nota 28 do Cap. XV. In: SANTOS, Joaquim Felício. *Memórias do Distrito Diamantino*, 1956. p.166.
- ²⁷ VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *História geral do Brasil, antes da sua separação e independência de Portugal*, 1948. v.4. p.257.
- ²⁸ ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio à Diamantina*, 1960. p.5.
- ²⁹ Idem. p.9.
- ³⁰ Ibidem. p.10, 41-47.
- ³¹ Ibidem. p.43-44.
- ³² OLIVEIRA, Tarquínio J.B. e MATHIAS, Herculano. Notas e organização. *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. 1978, vols.1 a 9.
- ³³ OLIVEIRA, Tarquínio J.B. Notas. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, 1978. v.3. p.349.

FURTADO, Júnia Ferreira. Chica da Silva: o mito pelo avesso. *Anais do XIII Encontro Regional de História*, Belo Horizonte: ANPUH-MG: 25-42, 2002.

³⁴ OLIVEIRA, Tarquínio J.B. Notas. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, 1978. v.3.. p.138, 452-453.

³⁵ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*, 1965.

³⁶ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*, 1965. p.40.

³⁷ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*, 1965. p.40-53.

³⁸ CALLADO, Antonio. *Pedro Mico; O Tesouro de Chica da Silva*, 1970. p.47-121.

³⁹ VASCONCELOS, Agripa. *Chica que manda*, 1966.

⁴⁰ SANTOS, João Felício dos. *Xica da Silva* (romance), 1976.

⁴¹ DIEGUES, Carlos. Nota introdutória. In: SANTOS, João Felício dos. *Xica da Silva* (romance), 1976. p.XIII.

⁴² DIEGUES, Carlos. Cinema Novo, *New Latin American Cinema*, 1997. p.273.

O'NEILL, Amelia. *Racial Representation in film: Xica da Silva and Quilombo*, 2001. p.3-4.

⁴³ O'NEILL, Amelia. *Racial Representation in film: Xica da Silva and Quilombo*. 2001. p.4.

⁴⁴ O'NEILL, Amelia. *Racial Representation in film: Xica da Silva and Quilombo*, 2001. p.5.

⁴⁵ O'NEILL, Amelia. *Racial Representation in film: Xica da Silva and Quilombo*, 2001. p.5-6.

⁴⁶ AMADOR, Paulo. *Rei branco, rainha negra*, 1971.

⁴⁷ AMADOR, Paulo. História e preconceito. In: *Revista Palmares*, v. 3, 2000. p.72-76.